

APRESENTAÇÃO

Gramática de construções - reflexões teóricas e aplicações empíricas

Esta edição especial reúne um conjunto de estudos que adota a Gramática de Construções (FILLMORE *et al.* 1988; GOLDBERG, 1995; HOFFMANN; TROUSDALE, 2013) como referencial teórico comum. Os artigos ilustram o intenso desenvolvimento teórico-metodológico pelo qual a Gramática de Construções tem passado nas últimas três décadas e também mostram a gama de tópicos atualmente tratados na pesquisa em abordagem construcional. Esta introdução visa a fornecer um contexto para as contribuições individuais, descrevendo as noções centrais da Gramática de Construções, além de discutir como o campo está atualmente se estendendo e fazendo conexões com outras áreas da pesquisa linguística. Após uma apresentação geral do referencial teórico, passamos a sintetizar os pontos centrais dos artigos que compõem esta publicação.

A Gramática de Construções como é praticada hoje não existiria sem o trabalho de Charles Fillmore sobre a Gramática de Casos (FILLMORE, 1968, 1977) e a Semântica de *Frames* (FILLMORE, 1982, 1985). Duas ideias fundamentais dos escritos de Fillmore, que se tornaram princípios comuns de pesquisadores que trabalham com abordagens construcionais, são as seguintes: as estruturas gramaticais são inerentemente dotadas de significado e o significado das construções linguísticas deve fazer referência a *frames*. Ambas as ideias atestam fortemente o influente estudo de Adele Goldberg sobre as construções de estruturas argumentais em inglês (GOLDBERG, 1995), que popularizou a premissa de que padrões sintáticos estão associados a *frames* semânticos. Goldberg (1995, p. 39) capturou essa ideia no que ela chama de hipótese de codificação de cena, segundo a qual as construções correspondentes aos tipos básicos de sentenças em uma língua tendem a codificar, como seus sentidos centrais, estados e eventos que são fundamentais para a experiência humana. Para ilustrar, a construção ditransitiva da língua

inglesa, exemplificada por frases como *João me entregou uma cerveja gelada*, tem como sentido central o *frame* semântico de um evento de transferência. Sabemos que pelo menos parte desse significado está diretamente associado à forma sintática da construção, uma vez que os falantes são capazes de compreender a ideia de uma transferência em exemplos com verbos que não expressam eles mesmos atos de transferência (por exemplo, o verbo *assar* em *João assou para mim meus cookies favoritos*) ou mesmo com verbos não estabelecidos no léxico da língua inglesa (por exemplo, o verbo denominacional “muletar” [*crutch*] em *João “muletou” [crutched] a bola de tênis para mim* (KASCHAK; GLENBERG, 2000)).

A defesa de que a sintaxe é significativa tem consequências profundas para a visão geral de língua adotada pelos gramáticos de construções. Acima de tudo, isso implica que o conhecimento linguístico pode ser modelado exclusivamente em termos de pares de forma e significado. Essa ideia está em conflito com a suposição amplamente aceita de que o conhecimento das línguas pode ser separado em um componente gramatical que captura todas as regularidades e um léxico que contém todas as informações idiossincráticas e que precisam ser memorizadas como tais. Contrastando com essa visão, a Gramática de Construções é um modelo de conhecimento linguístico que assume uma representação uniforme para todas as estruturas linguísticas. A unidade básica dessa representação é o par forma-significado, rotulado com o termo *construção* (HILPERT, 2019a, p. 2). Como todo o conhecimento linguístico deve ser modelado em termos de construções, fica claro que é necessária uma ampla definição desse conceito. Goldberg (2005, p. 5) oferece a seguinte definição:

Qualquer padrão linguístico é reconhecido como uma construção desde que algum aspecto de sua forma ou função não seja estritamente previsível a partir de suas partes componentes ou de outras construções reconhecidas como existentes. Além disso, os padrões são armazenados como construções, mesmo que sejam totalmente previsíveis, desde que ocorram com frequência suficiente.

Para esmiuçar essa definição, podemos dizer que as construções representam padrões linguísticos que são armazenados na mente dos falantes. Esses padrões têm tanto forma, isto é, substância fonética, morfológica ou sintática,

quanto significado, que pode manifestar-se como significado referencial, significado social ou significado pragmático-discursivo, estruturante do discurso. Forma e significado são conectados por meio de um *link* simbólico. Em muitos casos, esse *link* representará uma convenção arbitrária, de modo que o conhecimento da forma não torna o significado totalmente previsível, ou vice-versa. Goldberg (2005) afirma ainda que a experiência repetida de uma forma linguística levará ao seu entrenchamento, isto é, à sua representação holística como uma construção. Por exemplo, formas plurais regulares ou tempos passados regulares se tornarão redundantemente representados na mente dos falantes se forem encontrados com frequência. A pesquisa psicolinguística de fato apoia essa visão (STEMBERGER; MACWHINNEY, 1988).

Se todo conhecimento linguístico é entendido em relação à noção de construções, então as construções variam consideravelmente em esquematicidade e complexidade (LANGACKER, 2005). Algumas construções são simples e concretas. Palavras monomorfêmicas instanciam esse tipo. Outras construções são complexas e esquemáticas. Muitas construções sintáticas consistem em várias partes e têm vários *slots*, cada um dos quais pode ser preenchido por elementos que pertencem a uma determinada categoria linguística. Por exemplo, a construção correlata comparativa em inglês é instanciada não só por ocorrências como *quanto maior melhor*, mas também *quanto mais você pensa sobre isso, menos entende*. A construção é a mesma nos dois casos, mas os exemplos diferem em relação ao material sintático usado para preencher seus dois *slots*. Entre construções simples e concretas de um lado e construções complexas e esquemáticas de outro, há um *continuum* de construções que são parcialmente concretas e esquemáticas. Por exemplo, as construções de verbos auxiliares em inglês têm uma parte fixa, o auxiliar, e um espaço aberto para o verbo lexical no infinitivo que ocorre com o auxiliar. Embora graus relativos de complexidade e esquematicidade estejam correlacionados para muitas construções, é importante ressaltar que também existem construções simples e abstratas, como, por exemplo, categorias de parte do discurso, como verbo ou substantivo. Também existem construções que são complexas e concretas ao mesmo tempo. Expressões linguísticas formadas de várias palavras, como o ditado em inglês *Não*

conte com os frangos antes de os ovos quebrarem [Don't count your chickens before they hatch], são complexas, pois elas têm várias partes identificáveis que podem ocorrer por si próprias, mas sua combinação gera um significado idiossincrático e não previsível, neste caso um aviso de que o ouvinte não deve assumir um resultado positivo que não seja totalmente certo.

Foi afirmado anteriormente que a Gramática de Construções visa a representar o conhecimento linguístico em termos de construções. Uma parte importante dessa representação diz respeito à maneira como essas construções são organizadas. Essa organização geralmente é vista como uma rede na qual as construções são conectadas mutuamente (LANGACKER, 1987; FILLMORE *et al.*, 1988; DIESSEL, 2019). As relações entre construções abstratas e suas instanciações mais concretas são capturadas pela noção de herança. Diz-se que as informações associadas a construções altamente esquemáticas são herdadas por construções mais concretas. Para ilustrar o que isso significa especificamente, um padrão gramatical altamente esquemático do inglês é a construção de sujeito-predicado (HILPERT, 2019, p. 12). Essa construção específica que o verbo concorda com o sujeito em relação às categorias gramaticais de número e pessoa, de modo que, por exemplo, um sujeito de terceira pessoa desencadeia o uso de um sufixo flexional no enunciado *Ele dorme*. Esse padrão de concordância é encontrado em uma ampla gama de construções mais específicas que incluem sujeitos e verbos, por exemplo, na expressão idiomática totalmente especificada *O tempo voa quando você está se divertindo*. Links de herança não são a única maneira pela qual construções são conectadas. Construções que mostram sobreposição em termos de forma ou significado são conectadas por meio de *links* de subparte (HILPERT, 2019, p. 62). Por exemplo, a expressão *fácil de entender* pode aparecer na construção de extraposição em inglês (*É fácil entender o básico*) e na construção de elevação de objeto a sujeito em inglês (*Os princípios são fáceis de entender*). As duas construções mostram, assim, sobreposição formal e estão associadas na mente dos falantes. Isso não significa que uma deva ser a instanciação da outra, o que nos leva a outra característica importante da Gramática de Construções.

Ao contrário das teorias nas quais construções mutuamente relacionadas são interpretadas como realizações

diferentes da mesma estrutura linguística subjacente, a Gramática de Construções prioriza a representação mental das estruturas que se manifestam no uso da linguagem. Goldberg (2002, p. 327) propôs a hipótese de generalizações de superfície, segundo a qual as características de construções individuais sempre produzirão pistas mais robustas para a representação mental do que qualquer generalização realizada com base em duas ou mais construções. Essa ideia ecoa um ponto defendido por Langacker (1999, p. 106), ao afirmar que “esquemas de nível inferior, ou seja, estruturas com maior especificidade, têm uma vantagem embutida na competição em relação aos esquemas de nível superior”. As respectivas funções de generalizações de baixo nível e esquemas de ordem superior são pontos de discussão em curso na Gramática de Construções (HILPERT, 2019b).

O fato de a Gramática da Construções crescer continuamente em relação ao seu escopo analítico é, pelo menos em parte, devido à sua abertura para métodos experimentais e baseados em *corpus*, que permitiram aos pesquisadores testar suas alegações teóricas levando em conta dados empíricos. No que diz respeito aos métodos baseados em *corpus*, a análise colostrucional (STEFANOWITSCH; GRIES, 2003) e a análise de perfil comportamental (GRIES; DIVJAK, 2009) foram aplicados em uma ampla gama de análises construcionais. Os trabalhos de Kaschak e Glenberg (2000), Gries *et al.* (2005), Goldberg (2006) e Bencini (2013), entre muitos outros, baseiam-se em métodos psicolinguísticos, experimentais. Como mostram as contribuições desta edição, o teste empírico das hipóteses construcionais continua sendo uma força motriz importante no desenvolvimento desse campo de investigação.

No que diz respeito aos fundamentos conceituais da Gramática de Construções, um foco da pesquisa atual trata da arquitetura da rede (DIESSEL, 2019) e, especificamente, da maneira como os nós e os *links* devem ser considerados (SOMMERER; SMIRNOVA, 2020). Especialmente o conceito de elos horizontais entre construções paradigmaticamente relacionadas tem atraído cada vez mais a atenção (AUDRING, 2019).

Em outra linha de pesquisa atual, Goldberg (2019) aborda o persistente problema teórico de como os falantes formam intuições sobre a não gramaticalidade. Como é que alguns usos criativos da linguagem são considerados incomuns, mas

possíveis, enquanto outros são percebidos como totalmente não gramaticais? Um exemplo muito discutido do inglês é o uso do verbo *explicar* na construção ditransitiva, considerada inaceitável pelos proficientes em inglês. Goldberg argumenta que dois fatores explicam esse fenômeno: cobertura semântica, por um lado, e preempção estatística, por outro. A cobertura semântica refere-se à maneira como diferentes usos da mesma construção se relacionam semanticamente. A preempção estatística ocorre entre pares de construções semanticamente relacionadas que mostram assimetrias nas frequências de seus usos. No que diz respeito a *explicar*, os falantes observam esse verbo com muita frequência na construção dativa preposicional (*Expliquei isso a ele*), de modo que sua ausência na construção ditransitiva é interpretada como o resultado de uma restrição gramatical.

À medida que a Gramática da Construção continua a se desenvolver, os pesquisadores se conscientizam de determinadas questões inerentes que precisam ser levadas em consideração. Uma dessas questões reside na suposição tácita do monolinguismo como o estado normal das coisas. Para muitos falantes, a vida cotidiana envolve o uso regular de duas ou mais línguas, mas esse fato é pouco refletido na maioria das teorias linguísticas. Pesquisadores em Gramática de Construções começaram a se envolver com o bilinguismo e o multilinguismo, e agora há esforços para desenvolver noções teóricas que facilitem as análises construcionais da competência e do bilinguismo dos falantes. Höder (2012) propôs o termo *diaconstrução* para explicar as generalizações que os falantes multilíngues fazem em estruturas de diferentes idiomas em seu repertório. Outro viés diz respeito ao foco implícito na linguagem escrita. As análises construcionais geralmente usam dados escritos por uma questão de conveniência, mas a questão é mais profunda. Muitos fenômenos inerentes à modalidade falada, como pausas preenchidas, reparo ou coconstruções, não receberam análises por si sós do ponto de vista construcional e foram considerados como ruídos que precisam ser filtrados (BRÔNE; ZIMA, 2014; IMO, 2015). É claro que a Gramática de Construções ganha muito ao se envolver mais profundamente não apenas com dados falados e diálogo real, mas também com gestos, corporificação e cognição situada.

Os artigos desta edição ilustram o desenvolvimento contínuo da Gramática da Construções. À medida que as análises construcionais são aplicadas a mais tipos de dados, a mais línguas e a diferentes fenômenos gramaticais e lexicais, nossa compreensão da teoria tende a se desenvolver ainda mais, e a comunidade de pesquisadores que trabalha na área continuará crescendo.

Gragoatá 52 conta com 14 artigos e uma resenha de livro que, em conjunto, apresentam diferentes aplicações empíricas do aparato teórico da Gramática de Construções. Os quatro primeiros artigos tratam do tema conectores, focalizadores e cláusulas, com diferentes artigos sobre a organização morfossintática da língua portuguesa. Os seis artigos seguintes abordam estudos lexicais, envolvendo principalmente morfologia construcional, nomes e verbos. Um bloco final de artigos tem como proposta a variação construcional, um tópico que recentemente tem atraído cada vez mais a atenção dos pesquisadores no âmbito da Gramática da Construções. Por fim, finalizamos esta edição com uma resenha do livro *Explain me this: creativity, competition, and the partial productivity of constructions* [Explique-me isso: criatividade, competição e produtividade parcial das construções], de Adele Goldberg (2019), cujo trabalho vem moldando esse campo de investigação de modo muito importante. Como está claro, esta publicação envolve uma grande diversidade de temas e reflete conexões que ligam a Gramática de Construções a outros quadros teóricos, como a Linguística Funcional, a Linguística Cognitiva e outras teorias.

No primeiro artigo, André Coneglian discute a organização semântica de categorias gramaticais por meio de uma análise construcional de subordinadores adverbiais concessivos. O autor desenvolve duas hipóteses: (i) argumenta-se que o modo pelo qual se interfaceiam os componentes morfossintático e semântico no estabelecimento de categorias gramaticais decorre de operações composicionais implicadas no estabelecimento do significado de expedientes linguísticos complexos (as construções); (ii) propõe-se que a organização da categoria de subordinadores adverbiais concessivos parte de propriedades composicionais construcionais. O estudo mostra que os subordinadores concessivos adverbiais se organizam com base em um centro prototípico constituído

pelas conjunções *embora*, *ainda que* e *conquanto*, que são semanticamente menos especificadas.

O artigo de Heloise Thompson focaliza cláusulas comparativas assimilativas com TIPO e IGUAL à luz da Gramática de Construções Baseada no Uso e da Semântica de *Frames*. O estudo analisa uma das maneiras pelas quais o processo cognitivo de comparação se manifesta no português do Brasil: a construção comparativa assimilativa com os conectores *tipo* e *igual*. Ela conclui que as construções podem ocorrer em níveis sintagmáticos, sentenciais e intersentenciais, o que contradiz o que os estudos gramaticais tradicionais geralmente afirmam.

No terceiro artigo, Edvaldo Bispo apresenta uma investigação funcional-construcionista de cláusulas relativas sem antecedente introduzidas por QUEM, considerando suas formas de organização morfossintática, padrões de estrutura argumental, bem como suas características semânticas, cognitivas e interacionais. O estudo é qualitativo e se fundamenta teoricamente na Linguística Funcional Centrada no Uso e na Gramática de Construções. Os resultados mostram que a configuração morfossintática das orações que constituem os adágios em estudo está relacionada com aspectos semânticos (contraponto / jogo de ideias; relação de causa-efeito), fatores interacionais (inferência pragmática, inter / subjetividade) e aspectos cognitivos (projeções metafóricas e metonímicas).

Concluindo o primeiro bloco de artigos, Agameton Justino e Vânia Casseb-Galvão exploram a rede construcional do esquema de foco [QUE SÓ] no português do Brasil. Segundo os autores, o foco é uma construção, uma entidade abstrata constituída de pares de forma e significado e pressupõe os domínios de ênfase, do contraste e da intensificação de conhecimentos de mundo compartilhados pelos falantes. A construção [que só] serve à função pragmática de foco, e sua constituição surge da combinação de duas estruturas de foco recorrentes na língua portuguesa. Os resultados demonstram uma superposição dos domínios de comparação e intensificação, revelando uma espécie de superesquema focal no português brasileiro contemporâneo.

O segundo bloco de artigos trata de estudos lexicais, principalmente envolvendo morfologia construcional, nomes e verbos. Carlos Alexandre Gonçalves, em *O poder nas palavras*:

(des)construções lexicais com o nome do atual presidente do Brasil, analisa um conjunto de cerca de 150 formações lexicais do nome do atual presidente, como “bolsonero”, “boçalnaro”, “bozonazi” e “bolsolão”. O objetivo principal é mapear os processos envolvidos nessas cunhagens expressivas e verificar se um novo tipo morfológico, chamado de *splinter*, uma porção não morfêmica frequentemente usada em uma série de novas palavras, também está se disseminando em bases antroponímicas. Corroborando Fauconnier e Turner (2002), o autor conclui que a produção de significados, por manipulação lexical, está diretamente relacionada com os três *Is* da mente: Identidade, Imaginação e Integração.

O artigo a seguir, de autoria de Mailson Lopes, aborda a *compressão lexical*, também conhecida como *micronarrativa*, por meio de uma apreciação analítica do conteúdo das palavras derivadas, integrada ao referencial teórico da Gramática de Construções. O autor também descreve um modelo semântico-histórico-construcional para a análise de palavras derivadas. O modelo baseia-se nas lições de Turner (1996) sobre a mente literária, inicialmente aplicadas por Botelho (2004), Santos (2005) e Carmo (2005) à descrição de produtos com sufixo no português contemporâneo. Com base nesses trabalhos, Lopes (2016a; 2016b) aplicou, pela primeira vez, o modelo teórico mencionado ao deslindamento histórico-diacrônico da semântica de palavras prefixadas, combinando ideias da etimologia, morfologia histórica e Gramática de Construções.

A contribuição seguinte é de Milena Aguiar, que apresenta uma análise baseada no uso da construção SNLoc atributiva no português contemporâneo, com foco na integração de suas subpartes - SN e pronome adverbial locativo. Numa perspectiva pancrônica, a autora defende a hipótese de que a construção atributiva SNLoc é um membro marginal da classe dos nomes do português, resultante de construcionalização lexical. Assim, forma-se um novo esquema construcional da língua no nível lexical, assumindo um significado de imprecisão e indefinição, distinto de seu significado original.

Em seu artigo, A construção relacional polissêmica do tipo SN1 de SN2 no português brasileiro, Karen Alonso e Carolina Santos discutem e descrevem a construção em termos dos diferentes significados aos quais esta forma pode ser associada - como finalidade, parte-todo e identificação, entre

outros. As autoras argumentam a favor da hipótese de que esses sentidos podem ser mutuamente associados a um modelo de ponto de referência, nos termos de Langacker. A análise é orientada pelo enquadre da Linguística Baseada no Uso, ao pressupor que a gramática é modelada pelo processo cognitivo de domínio geral e é sensível à experiência dos falantes.

No artigo seguinte, A construção estática com o verbo *ser*, José Romerito Silva e Marília Sabino analisam os usos dessa construção verbal no português contemporâneo, considerando a *continuum* léxico-gramática. Nesse sentido, o artigo difere das abordagens nas quais o verbo *ser* é considerado meramente relacional e sem sentido. A análise proposta é qualitativa-interpretativa, fundamentada na Linguística Funcional Centrada no Uso. O banco de dados provém do Corpus Discurso & Gramática e do Banco Conversacional de Natal, compreendendo textos nas modalidades falada e escrita.

A semântica da construção ditransitiva em uma perspectiva diacrônica encerra o segundo bloco de artigos. A autora, Maria Angélica Furtado da Cunha, concentra-se na construção ditransitiva do português do Brasil, com o objetivo de examinar sua evolução semântica. A abordagem teórica combina pressupostos e categorias analíticas da Linguística Funcional Centrada no Uso e da Gramática de Construções. Os resultados levam à conclusão de que, no século XVIII e no século XX, a construção ditransitiva conceitua prototipicamente um evento de transferência física, no qual um participante animado (Assunto) transfere um objeto (Objeto Direto) para uma entidade humana (Objeto indireto). Além disso, não houve mudança na classe semântica de verbos que podem instanciar extensões do significado central dessa construção.

O último bloco aborda diferentes perspectivas sobre variação construcional. O primeiro artigo é de autoria de Luiz Fernando Rocha, Ana Carolina Dias, Karina Vieira e Joice Silva. A análise focaliza distinções semântico-pragmáticas no par de construções gramaticais “acredita isso / acredita nisso” em português, sensíveis às diferenças sintáticas e licenciadas por contextos discursivos específicos. Os autores postulam que os usos da construção “acredita isso”, comuns aos contextos locais de contraexpectativa, envolvem uma perspectiva mais subjetiva sobre a cena evocada. Ao acionar o *frame* de perplexidade, o enunciador invoca-o para si em

detrimento da reação do interlocutor. A construção “acredita nisso”, comum a contextos de contraexpectativa reiterada e contraposição local, abarca uma perspectiva mais objetiva sobre a cena evocada, sendo que, ao acionar o *frame* de crença, o enunciador o evoca para o outro.

Lilian Ferrari, Diogo Pinheiro, Brendha Portela, Clara Sousa, Gabriela Ribeiro, Paula Sasse e Sara Martins Adelino Correio investigam o polo semântico de duas construções nominais de referência genérica no português do Brasil: [Artigo + Nome Singular] (“O gato é voluntarioso”) e [Ø + Nome Singular] (“Gato é voluntarioso”). Propõe-se que, apesar de sua similaridade extensional, essas construções não são semanticamente equivalentes. Especificamente, argumenta-se que o padrão com artigo definido, mas não o padrão sem artigo, facultaria a conceptualização de um conjunto de tipos não perfilados no interior de um Espaço de Tipo. Segundo os autores, os resultados mostram evidências a favor da hipótese de que os padrões construcionais investigados evocam diferentes representações mentais.

No artigo seguinte, Naoki Otani apresenta um estudo baseado no uso que trata de construções sintáticas alternativas com *spray/load* [pulverizar/carregar] e *clear* [limpar]. Os verbos usados nessas construções aparecem em um padrão sintático alternativo: a variante de objeto tema (por exemplo, *Ele pulverizou tinta na parede*) e a variante de objeto locativo (por exemplo, *Ele pulverizou a parede com tinta*). O artigo tem como objetivo demonstrar que essas alternâncias sintáticas são motivadas funcionalmente pela estrutura da informação. Os tópicos mencionados no contexto discursivo anterior influenciariam as escolhas dos falantes.

No último artigo do terceiro bloco, Maria da Conceição Paiva e Bruno Oliveira discutem algumas questões relacionadas com a modalização da variação e mudança linguística no âmbito da Gramática de Construções Cognitiva. Os autores particularmente questionam o princípio da não sinonímia, conforme descrito por Goldberg (1995, 2006), especialmente no que diz respeito à falta de distinção entre componentes semânticos e pragmáticos na definição de construção. Para esse fim, eles analisam as construções causais intraclausais POR CAUSA DE e POR CONTA DE para mostrar que elas podem alternar-se em alguns contextos. Embora essas duas

construções tenham funções argumentativas diferentes, elas compartilham um conjunto de propriedades formais e semânticas que criam um espaço para variação. Os resultados da análise fornecem evidências a favor de uma delimitação mais rigorosa do princípio da não sinonímia.

Fechando a lista de trabalhos, Lauriê Dall’Orto apresenta uma resenha do livro *Explain me this: creativity, competition, and the partial productivity of constructions* [Explique-me isso: criatividade, competição e produtividade parcial das construções], de Adele Goldberg (2019). O trabalho, destinado a estudantes, professores e pesquisadores, oferece uma introdução ao estudo de como aprendemos e usamos nosso complexo conhecimento linguístico. O livro resenhado estende o bem-sucedido programa de pesquisa de Goldberg, desenvolvido em seus livros anteriores *Constructions: a Construction Grammar Approach to Argument Structure* (1995) e *Constructions at Work: the nature of generalization in language* (2006), amplamente referenciados em estudos linguísticos desenvolvidos no Brasil e no mundo.

A variedade de temas desta edição representa nosso compromisso de fornecer um panorama para desenvolvimentos recentes no campo cada vez mais diversificado da Gramática de Construções. Desejamos a todos uma leitura enriquecedora!

Ivo da Costa do Rosário
(UFF / FAPERJ)

Martin Hilpert
(Universidade Neuchâtel)

Organizadores

REFERÊNCIAS

AUDRING, Jenny. Mothers or sisters? The encoding of morphological knowledge. *Word Structure* 12 (3), p. 274–296, 2019.

BENCINI, Giulia M. L. Psycholinguistics. In: HOFFMANN, Thomas; TROUSDALE, Graeme (orgs). *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 379–396.

BRÔNE, Geert; ZIMA, Elisabeth. Towards a dialogic construction grammar. A corpus-based approach to ad hoc routines and resonance activation. *Cognitive Linguistics* 25/3, p. 457-495, 2014.

DIESSEL, Holger. *The Grammar Network: How Linguistic Structure Is Shaped by Language Use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

FILLMORE, Charles J. The Case for Case. In: BACH, E.; HARMS, R. T. (orgs.). *Universals in Linguistic Theory*. New York: Holt, Rinehart, and Winston, p. 1-88, 1968.

_____. The case for case reopened. In: COLE, P.; SADDOCK, J.M. (orgs.). *Syntax, Semantics and Grammatical Relations* New York: N.Y. Academic Press, p. 59-82, 1977, v. 8.

_____. Frame Semantics. In: THE LINGUISTIC SOCIETY OF KOREA (org.): *Linguistics in the Morning Calm*. Seoul: Hanshin Publishing Corp., p. 111-137, 1982.

_____. Frames and the semantics of understanding. *Quaderni di Semantica* 6, p. 222-254, 1985.

_____; KAY, Paul; O'CONNOR, Mary Catherine. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: The case of let alone. *Language* 64/3, p. 501-538, 1988.

GOLDBERG, Adele E. *Constructions. A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions at work: The nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

_____. *Explain Me This: Creativity, Competition, and the Partial Productivity of Constructions*. Princeton: Princeton University Press, 2019.

GRIES, Stefan T., HAMPE, Beate Hampe; SCHÖNEFELD, Doris. Converging evidence: Bringing together experimental and corpus data on the association of verbs and constructions, *Cognitive Linguistics* 16/4, p. 635–676, 2005.

_____ ; DIVJAK, Dagmar S. Behavioral profiles: a corpus-based approach towards cognitive semantic analysis. In: EVANS, Vyvyan; POURCEL, Stephanie S. (orgs.). *New directions in cognitive linguistics*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, p. 57-75, 2009.

HILPERT, Martin. *Construction Grammar and its application to English*. 2nd edition. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2019a.

_____. Higher-order schemas in morphology: What they are, how they work, and where to find them. *Word Structure* 12/3, p. 261-273, 2019b.

IMO, Wolfgang. Interactional Construction Grammar, *Linguistics Vanguard* 1. p. 69–77, 2015.

HÖDER, Steffen. Multilingual constructions: A diasystematic approach to common structures. In: BRAUNMÜLLER, Kurt; GABRIEL, Christoph (orgs.). *Multilingual Individuals and Multilingual Societies*. Amsterdam: Benjamins, p. 241–257, 2012.

HOFFMANN, Thomas; TROUSDALE, Graeme (orgs.). *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

KASCHAK, Michael; GLENBERG, Arthur. The role of affordances and grammatical constructions in language comprehension. *Journal of Memory and Language* 43, p. 508–529, 2000.

LANGACKER, Ronald W. *Foundations of Cognitive Grammar*. Theoretical Prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987, v. 1.

_____. *Grammar and conceptualization*. Berlin: De Gruyter, 1999.

LANGACKER, Ronald W. Construction Grammars: Cognitive, Radical and Less So. In: IBÁÑEZ, Francisco J. Ruiz de Mendoza; CERVEL, M. Sandra Peña (orgs.). *Cognitive Linguistics: Internal Dynamics and Interdisciplinary Interaction*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, p. 101-159, 2005.

SOMMERER, Lotte; SMIRNOVA, Elena. (orgs.). *Nodes and Networks in Diachronic Construction Grammar*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2020.

STEFANOWITSCH, Anatol; GRIES, Stefan Th. Collostructions: investigating the interaction of words and constructions. *International Journal of Corpus Linguistics* 8/2, p. 209-243, 2003.

STEMBERGER, Joseph P.; MACWHINNEY, Brian. Are inflected forms stored in the lexicon? In: HAMMOND, Michael; NOONAN, Michael (orgs.). *Theoretical Morphology*. New York: Academic Press, p. 101-116, 1988.